

ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS: NASCIMENTO E PRIMEIROS ANOS

J. Boléo-Tomé

Com a publicação da Encíclica «Humanum genus», em Abril de 1884, Leão XIII convidou os católicos a organizarem-se e unirem-se no combate de ideias tão necessário num mundo dominado pelo materialismo. Este apelo foi ouvido e compreendido por um médico francês, o Dr. Jules Le Bèle, de Le Mans, que em pouco tempo conseguiu reunir mais de 500 aderentes, formando a primeira Associação de Médicos Católicos. Mas só mais tarde, no decurso de uma Peregrinação Internacional de médicos católicos a Roma, em 1904, numa audiência papal concedida já pelo novo Papa, S. Pio X, foi sugerida a criação de um organismo internacional que reunisse todos os grupos nacionais de médicos católicos. Para o conseguir, tornava-se necessária a existência de grupos nacionais organizados, o que só veio a acontecer a partir de 1912¹. É neste movimento que se inscreve o aparecimento da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

UMA DATA A CELEBRAR

Pensamos não ser incorrecto servirmo-nos dos primeiros documentos escritos para estabelecer como data da fundação da nossa Associação o dia 25 de Março de 1915. Foi esta a data do telegrama enviado para a Santa Sé pelo Senhor Bispo do Porto, dando conta da reunião realizada no Paço Episcopal, nesse mesmo dia.

É igualmente essa a data inscrita no *Termo de Abertura* do «Livro de Actas» que se encontra arquivado, onde está escrito que “o livro tem de servir para n’elle se escreverem as actas das sessões da **Associação dos Médicos Cathólicos Portuguezes**”. Está datado e assinado: *Porto, 25 de Março de 1915 – O Secretário, Luíz de Figueiredo Cabral*.

Esta identificação bem clara dos fins a que se destina o «Livro d’ Actas», é confirmada logo na primeira página, com o texto da primeira das “Actas” que estão registadas, com as palavras seguintes:

¹ François Blin, Walter Osswald – *Associativismo Médico Católico*. «Acção Médica», 78 (1), Março 2014.

«No dia 25 de Março de 1915 teve lugar uma reunião no Paço Episcopal, sob a presidência do Ex.mo e Rev.mo Bispo do Porto, Sr. D. António Barroso, em que compareceram os Ex.mos Srs. Drs....» Segue-se uma lista de treze médicos presentes e dezasseis representados.

Esta *Introdução* da primeira Acta revela-nos, desde já, dois factos que devem ser salientados. O primeiro diz respeito ao local – Paço Episcopal – e ao presidente da reunião – o próprio Bispo do Porto, Senhor D. António Barroso. O segundo diz-nos qual foi a finalidade desta reunião, promovida pelo Bispo – a fundação de uma Associação de Médicos Católicos, de âmbito nacional.

Vale a pena olharmos mais atentamente para estes dois factos – a presença do Bispo do Porto e o nascimento de uma nova Associação em época bem difícil da história nacional.

● Uma reunião com este objectivo teve, certamente, alguns antecedentes. É até bem provável que o próprio Bispo do Porto, prelado de um dinamismo e coragem excepcionais, fosse um dos seus principais promotores, a par de alguns médicos como Domingos Pulido Garcia, Luís de Figueiredo Cabral e outros, que já se reuniam mais ou menos regularmente.

Quem foi D. António Barroso?² Missionário, cientista, reorganizador e reformador, quer no norte de Angola, quer, já como Bispo, em Moçambique (1891-1897), na Índia, em S. Tomé de Meliapor, onde pacificou uma diocese dividida (1897-1899) e, por fim, no Porto (1899-1918), foi sempre um homem superior, considerado por muitos, mesmo políticos republicanos, herói nacional e santo. Exilado desde 1911 por ter elevado a voz contra as prepotências e perseguições à Igreja feitas pela República e marcadas pelo ódio de Afonso Costa, D. António Barroso só voltaria ao Porto em Março de 1914, imprimindo à diocese uma vida muito intensa. A sua actividade e a denúncia corajosa do regime opressivo apostado apenas em destruir a Igreja Católica, iria conduzi-lo de novo ao exílio em 1917 (7 de Agosto), de onde regressaria ainda nesse mesmo ano, em 20 de Dezembro, após publicação de um decreto assinado por Sidónio Pais, que anulou todos os castigos aplicados pela República contra

² Amadeu Gomes de Araújo & Carlos Moreira de Azevedo – *Réu da República*; editora Aletheia, 347 págs. Ver tb.: José Abílio Barbosa Macedo – *D. António Barroso: síntese biográfica e bibliográfica*. Em www.remelhe.bcl.pt

prelados portugueses. Faleceu no ano seguinte, em 31 de Agosto, na sua diocese do Porto, deixando na memória do povo uma imagem de santidade activa.

Foi este homem invulgar que presidiu, em 1915, a uma reunião convocada para o seu Paço, que daria origem à Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

● O ambiente socio-político não parecia propício a qualquer iniciativa desta natureza: as movimentações políticas, no Parlamento ou na rua, acompanhadas de violências de todo o género, que foram a marca da I República, sucediam-se umas às outras, quase sempre sob a batuta clara ou escondida de Afonso Costa, o “*democrata extremista*” e anticlerical. Nesse mesmo ano de 1915 iria acontecer o chamado «*movimento das espadas*»³, seguido pela tentativa do general Pimenta de Castro de pôr ordem na desordem republicana – Chefe do Governo em Janeiro desse ano, nomeado pelo Presidente da República Manuel de Arriaga, acumula inicialmente todas as pastas até conseguir acordos com as forças políticas para a sua atribuição, numa tentativa para conseguir uma larga maioria de apoio. Governa sem Parlamento, tendo sempre o apoio de Manuel de Arriaga. As arruaças e movimentações do Partido Democrático, de Afonso Costa, associado a radicais e desordeiros de diversas origens, cada vez mais violentas, conduziram à revolução mais sangrenta da I República, em 14 de Maio, em que foram contados mais de trezentos mortos e feridos graves. O governo de Pimenta de Castro foi derrubado e o próprio Presidente da República, Manuel de Arriaga, se demitiu abandonando o cargo em 26 de Maio.

Este terrível ambiente social foi o pano de fundo do nascimento da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, pela mão do Bispo-coragem D. António Barroso e de um grupo de médicos idos de diversos pontos do país, reunidos na cidade do Porto.

● Os únicos dados que possuímos que nos permitem esboçar uma história da Associação dos Médicos Católicos em Portugal resumem-se a algumas Actas de reuniões nacionais e poucas, muito poucas, notícias dispersas, publicadas em jornais

³ «Movimento das Espadas» - descontentamento dos militares face à política governamental favorável à participação portuguesa na [Primeira Guerra Mundial](#); as origens próximas do movimento radicaram-se no mal-estar generalizado sentido pelos oficiais da guarnição de Lisboa face à constante interferência de militares e civis ligados ao [Partido Democrático Republicano](#) nos processos de nomeação de oficiais para postos de comando e na sua destituição. Este descontentamento agudizou-se quando a [20 de Janeiro de 1915](#) o major [João Carlos Craveiro Lopes](#), aquartelado na [Figueira da Foz](#), foi transferido compulsivamente sem conhecimento das estruturas militares e sem motivos. Um numeroso grupo de oficiais decidiu tentar dirigir-se ao palácio de Belém para entregarem as espadas ao Presidente Manuel de Arriaga. Não o conseguiram e foram presos. Ver J. Veríssimo Serrão – *História de Portugal*, vol. XI.

católicos. Será com estes elementos que tentaremos seguir o seu trajeto, durante os seus primeiros anos, atravessados por agitações socio-políticas especialmente graves.

Na reunião fundadora desse dia 25 de Março foram definidas as linhas orientadoras da nova Associação. O Senhor Bispo do Porto saudou os médicos presentes, lembrando que nunca existiu qualquer oposição ou incompatibilidade entre a ciência e a fé; ela só existe no pensamento dos que têm dificuldade em aceitar a existência de Deus. A presença daquele grupo de médicos no Paço Episcopal, decididos a dar testemunho da Fé, era a prova disso mesmo e uma esperança para a renovação da sociedade. Lembrou que a escolha daquele dia para o encontro, Senhora da Anunciação, era simbólico para a missão que se propõem – anunciar o Evangelho no exercício da Medicina.

Em nome dos médicos falou primeiro Domingos Pulido Garcia⁴ que se referiu ao importante papel do médico na sociedade, devido à relação de grande proximidade com as pessoas e as famílias. Em nome de todos pediu ao Senhor Bispo do Porto que enviasse um telegrama ao Secretário de Estado de Sua Santidade o Papa Bento XV, Cardeal Gasparri, anunciando a formação da Associação dos Médicos Católicos Portugueses. O telegrama, redigido em francês, seguiu nesse mesmo dia 25 de Março para Roma.

Seguiram-se no uso da palavra o dr. João Carlos Marques da Silva e Costa Guerra (2º Visconde da Barreira), que se referiu ao valor e necessidade de voltar a colocar as Irmãs de Caridade nas obras de assistência, e o dr. José Pedro Dias Chorão que falou sobre a crise da civilização que só será possível reverter com o regresso aos princípios cristãos. Por último usou da palavra o dr. Pulido Garcia que referiu a necessidade de organização desta nova associação, dotando-a com uma direcção provisória que devia preparar uma Assembleia Geral, assim como estabelecer contactos com organizações semelhantes de outros países.

Estava fundada a Associação, sendo constituída uma Comissão Diretiva provisória presidida por Domingos Pulido Garcia, tendo como tesoureiro José Rodrigues de Carvalho e secretário Luís de Figueiredo Cabral. Ficou ainda marcada a realização do 1º Congresso no dia 24 ou 25 de Outubro de 1915. Para esse congresso

⁴ Pode encontrar-se uma referência extensa a este médico no jornal "A União", órgão do Centro Catholico Portuguez, com data de 3/Julho/1921. Nasceu em Amareleja em 16 / Outubro / 1867, formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra, exercendo a profissão primeiro em Moura e depois em Serpa, onde se fixou. Foi o grande dinamizador da Associação dos Médicos Católicos, percorrendo boa parte do país para encontros com colegas estabelecidos nos locais mais variados.

ficou já combinada a realização da Assembleia Geral proposta, em que seria eleita a primeira direcção da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

A VIDA DA ASSOCIAÇÃO – PRIMEIROS ANOS

● Após a sua fundação, no Porto, a primeira reunião nacional realizou-se igualmente no Porto em 25 de Outubro de 1915, em instalações cedidas pela Associação Católica do Porto. Foi presidida inicialmente pelo Senhor D. António Barroso, que não pode acompanhar os trabalhos, retirando-se imediatamente depois de uma calorosa saudação aos médicos católicos, e da aprovação de um telegrama a enviar para Roma, assinado pelo Prelado, comunicando a realização do congresso e solicitando a bênção apostólica de Bento XV, para todos os participantes na reunião.

Os trabalhos prosseguiram sob a presidência de Domingos Pulido Garcia, sendo de salientar a qualidade da tese apresentada pelo Visconde da Barreira sobre a enfermagem religiosa em confronto com a enfermagem laica.

Falaram também os médicos Emília Patacho⁵ e Bentes Castel-Branco. O presidente falou da necessidade de se conseguir a associação com as congéneres estrangeiras, principalmente as que se encontram mais próximas, como a francesa e a espanhola. Por fim, foi proposta e aprovada a primeira direcção nacional da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, que ficou assim constituída: presidente – D. Thomaz de Mello Breyner; que teria como restantes membros da direcção os colegas Augusto Camossa Saldanha, Manuel Ferreira Cardoso, Eurico Lisboa e João Bentes Castel-Branco. Foi ainda eleito secretário perpétuo o Dr. Domingos Pulido Garcia.

Ficou marcada uma segunda reunião nacional para o ano seguinte, a realizar em Março, que seria designada como II Congresso.

● A segunda Reunião Nacional, ou II Congresso, teve lugar em Lisboa no dia 25 de Março de 1916, sob a presidência do Senhor Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo. Uma *Acta* muito extensa e pormenorizada, conta-nos em nove páginas maciças o conteúdo dessa importante reunião.

Começando pelas presenças, ficamos a saber que, além do Cardeal Patriarca de Lisboa, esteve presente o Encarregado de Negócios da Nunciatura, Monsenhor Aloisio Mazella, o Arcebispo de Mitilene, D. João Evangelista de Lima Vidal, e o Bispo eleito

⁵ Emília Cândida da Silva Patacho. Foi directora do Reformatório Feminino de Lisboa, entre 1909 e 1931, onde desempenhou igualmente as funções de médica e de assistente de menores.

de Portalegre, D. Manuel Mendes da Conceição Santos. São depois enumerados os nomes de trinta médicos inscritos, que estiveram presentes ou representados, e as mensagens dos Bispos da Guarda e de Viseu.

Após a leitura e aprovação de um telegrama dirigido a Sua Santidade o Papa, assinado pelo Cardeal Patriarca, o Senhor D. António Mendes Belo dirigiu-se aos participantes no Congresso, chamando a atenção para os problemas que têm afligido a humanidade e bem visíveis na sociedade portuguesa, e as suas causas verdadeiras – o abandono da mensagem de Cristo, que os nossos navegadores souberam levar aos quatro cantos do mundo, dilatando a Fé. Temos, porém, de acreditar que os novos portugueses podem representar a esperança no futuro, se forem fieis a Deus, à Patria e à Família. Saúda, por isso, a Associação dos Médicos Católicos Portugueses pela sua coragem e comprometimento, pedindo a Deus que saibam ser sempre exemplos de Fé, na sequência de tantos sábios médicos que souberam demonstrar a harmonia entre a Fé e a Ciência.

Usando a seguir da palavra, o Presidente da Associação saudou os Prelados presentes e lembrou os colegas falecidos. De um deles, Dr. António Mendes Lages⁶, recebera um conselho que tem orientado o seu trabalho médico: "*Nunca deixe de se aproximar de um doente que geme, ainda que a sua presença lhe pareça inútil. A presença do médico é sempre útil e um simples olhar alivia muitas vezes o doente que sofre*".

De entre os vários assuntos discutidos antes do início da leitura de comunicações, merece referência a informação dada pelo Dr. Augusto Saldanha: desde Outubro do ano anterior inscreveram-se na Associação trinta e um colegas, dos quais três mulheres, as doutoras Emília Patacho, Maria Pais Moreira, e Domitila de Carvalho.

Dos temas apresentados podemos citar o de José Dias Chorão (*O alcoolismo - meios de o combater*), de Pulido Garcia (*Esboço de uma reforma da Assistência Médica*), de Bentes Castel-Branco (*Sanatórios Católicos – tema muito discutido*), de Oliveira Martins (*O papel do médico como católico*), de Tomás de Mello Breyner (*Assistência Religiosa hospitalar – dificuldades*). Os Prelados presentes congratularam-

⁶ Padre Doutor António Mendes Lages (1838 – 1916). Nasceu em Loriga no dia 2 de Janeiro de 1838 Terminada a formatura em Medicina em 1867, exerceu clínica em diversos locais entre os quais o Hospital de St. António, no Porto, e o Hospital de S.José, em Lisboa, onde se fixou, chegando a ser chefe de serviço. A morte da esposa, em 1908, fê-lo repensar a sua vida de agnóstico, ingressando nesse mesmo ano na Companhia de Jesus. Perseguido na I República, foi preso e exilado, falecendo em Múrcia (Espanha) em 11 de Janeiro de 1916.

se pela qualidade deste congresso, saudando os membros da Associação e encorajando-os a marcar na profissão a sua presença como católicos.

- A reunião nacional seguinte, ou III Congresso, ficara já marcada para Coimbra, onde se realizou no dia oito de Dezembro de 1916, sob a presidência do Bispo-Conde de Coimbra. Não pôde estar presente nem o Presidente nem vários membros da direcção, sendo substituídos pelo Dr. Augusto Camossa Saldanha e pelo Secretário Perpétuo, Dr. Pulido Garcia.

Esta reunião nacional ficou marcada por um facto digno de relevo, a participação interessada de um numeroso grupo de estudantes de Medicina, dos quais 17 faziam parte de uma lista apresentada pelo quintanista de Medicina do Porto, Manuel Cerqueira Gomes, como candidatos a membros da Associação na qualidade de “sócios escolares”.

A Acta deste encontro de Coimbra revela-nos ainda que já existiam Estatutos, que são citados na sua saudação pelo Senhor Bispo-Conde, ao referir “o artigo primeiro dos estatutos” dizendo: «*Esta Associação definiu nele um verdadeiro esquema do seu apostolado*». Ainda não conseguimos encontrar esses Estatutos de cuja existência não podemos duvidar, depois desta referência tão clara feita pelo Senhor D. Manuel Coelho da Silva. Aliás, eles seriam de novo citados no IV Congresso, em que foram propostas algumas alterações.

Dos trabalhos apresentados no Congresso, depois de uma referência breve a um estudo sobre *A Medicina em Marrocos*, escrito pelo membro da Associação e médico em Mazagão Diogo Nunes da Silva Correia, trabalho que foi publicado no jornal «A Ordem», foi dedicado um grande espaço de tempo à conferência do colega Leite de Faria sobre «*Tuberculose e catolicismo*». Neste extenso trabalho, que despertou muito interesse, o autor falou sobre uma doença de “decadência orgânica e de miséria fisiológica e moral” mas evitável, lembrando a importância de uma terapêutica educativa. Na luta contra esta doença pode desempenhar um papel importantíssimo a formação espiritual, no combate a atitudes degradantes tomadas muitas vezes pelos seus portadores, assim como a luta contra as condições sociais de miséria e de ausência de condições básicas de higiene e alimentação.

Trabalho muito apreciado, mereceu longos comentários do Prof. Dr. Serras e Silva, do Prof. Dr. Álvaro de Matos (importância de uma higiene alimentar), do Dr. Camossa Saldanha (a necessidade do bom exemplo, retirando todo o fundamento aos críticos), do Dr. Dias Chorão (higiene nas escolas e colégios), do Dr. Pulido Garcia (o

mau exemplo de algumas instalações religiosas) e, por fim, do Senhor Bispo-Conde que cumprimentou o orador e esclareceu alguns pontos de doutrina relativa a jejuns.

Não foi marcada a data da reunião nacional seguinte, sendo apenas consideradas as hipóteses do local – em Braga, ou novamente em Coimbra.

● O IV Congresso da Associação teve lugar em Coimbra, no dia 26 de Maio de 1918, nas instalações do C.A.D.C. (Centro Académico de Democracia Cristã), em condições socio-políticas bastante difíceis, que iriam agravar-se nos tempos que vieram a seguir. Em 5 de Dezembro de 1917 dera-se em Lisboa um movimento militar que colocara no poder um homem muito respeitado, Sidónio Pais, prometendo aos portugueses uma “República Nova” que daria ao país um novo rumo de estabilidade e confiança. O Presidente Bernardino Machado fora demitido, seguindo para o exílio, e foram libertados vários políticos presos sem motivos, apenas por discordância ideológica.

Em França, o Corpo Expedicionário Português continuava a ser o símbolo maior do heroísmo, que culminou com a tremenda batalha de La Lys, em 9 de Abril de 1918, em que milhares de portugueses se sacrificaram até ao último soldado, para que os aliados se pudessem reorganizar.

O povo acolhia Sidónio como o seu herói, a sua esperança para os males que afligiam a Pátria. Mas as forças políticas que tinham dominado o País, associadas ou não ao Grande Oriente Lusitano, continuavam em efervescência e temiam-se novos golpes revolucionários.

Este foi o ambiente em que decorreu o IV Congresso da Associação dos Médicos Católicos, ambiente que iria degradar-se ainda mais nos meses seguintes.

Por impossibilidade do Senhor Bispo-Conde de Coimbra, e por proposta do Dr. Pulido Garcia, dirigiu os trabalhos do Congresso o Prof. Doutor Lúcio Martins da Rocha. Foram muitos os ausentes que enviaram saudações explicando a sua não participação. Alguns encontravam-se em França, onde foram assistir o Corpo Expedicionário, terrivelmente ferido em La Lys.

Passando aos temas apresentados, foi lida e amplamente discutida a tese do Prof. Doutor João Serras e Silva «*A Igreja e a Higiene*». A propósito deste tema usaram também da palavra o Prof. Doutor Álvaro de Matos e os Drs Camossa Saldanha e Pulido Garcia.

Os últimos pontos da ordem de trabalhos eram: 1) eleição dos novos dirigentes nacionais e 2) Alterações a introduzir nos Estatutos. No primeiro, a nova Direcção Nacional ficou assim constituída: presidente, Lúcio Martins da Rocha; secretário, Álvaro de Matos; tesoureiro, João Francisco Cavaco; vogais, Álvaro Novais e Sousa e Feliciano Augusto da Cunha Guimarães.

Quanto às alterações estatutárias ficamos a saber que o Artigo 18 passou a ter a seguinte redacção: *Artº 18 – A Associação celebrará com solenidade todos os anos a festa do seu patrono S. Rafael, no dia 24 de Outubro, e a da Imaculada Conceição, no dia 8 de Dezembro, para o que distribuirá...* (segue o texto anterior, que desconhecemos). Também os Artºs 19 e 20 foram alterados do modo que registamos: *Artº 19 – Além destas celebrará outras festas como a de S. Lucas em 18 de Outubro e as que forem determinadas pela Direcção...* (segue o texto dos estatutos); e *Artº 20 – No dia da festa da Imaculada Conceição, em 8 de Dezembro, a Associação celebrará a sua Assembleia Geral ordinária. Nesta Assembleia...* (continua com o texto que desconhecemos). Foi ainda introduzida, no Capítulo II dos estatutos (Dos Sócios), a seguinte disposição: *A Direcção, em casos excepcionais e com motivo fundamentado, pode dispensar qualquer sócio do pagamento das suas quotas.*

- A agitação política nesse mesmo ano iria ter um dos seus momentos mais dramáticos em 14 de Dezembro, com o assassinio do Presidente Sidónio Pais. O único facto positivo foi o fim da Grande Guerra que assolou principalmente a Europa, fazendo mais de oito milhões de vítimas militares e muitos milhões de vítimas civis. O armistício foi assinado em 11 de Novembro e os restos do Corpo Expedicionário Português começaram a regressar, depois de terem marcado presença na parada da vitória em Paris.

As consequências da guerra nos anos que se seguiram traduziram-se no agravamento das querelas políticas, e numa situação social e económica cada vez mais frágil, a que se somaram os efeitos de uma epidemia de tifo exantemático, nos distritos do norte, seguida dos terríveis efeitos de uma pandemia de gripe pneumónica vinda de Espanha, que se calcula ter causado à volta de 60.000 mortos.

Politicamente, o país encontrava-se, verdadeiramente, num quase total desgoverno e agitação permanentes. Em 19 de Outubro de 1921 rebentou nova revolução, aparentemente com liderança e apoio militar. Porém, vários grupos políticos tinham conseguido obter armamento e começavam a impor a sua lei. A noite chegou; os

grupos armados queriam sangue, e iniciaram uma verdadeira carnificina – foi a noite da “*camioneta fantasma*”, em que foram assassinados o Presidente do Ministério, António Granjo, e figuras ilustres do movimento republicano como Machado Santos, José Carlos da Maia, o comandante Freitas da Silva e outros. O horror dessa noite dá bem a medida do estado em que se encontrava Portugal, traduzido pelo lamento impresso nos jornais – «*Perdemos tudo: os heróis, os santos, as certezas e os sonhos. Só nos falta agora perder o Povo, esse bom Povo de Portugal, que meia dúzia de feras pretende caluniar (...)*»⁷.

Não é de admirar que a reunião nacional seguinte, denominada V Congresso da Associação dos Médicos Católicos, só tivesse podido realizar-se quase quatro anos depois, em 25 de Março de 1922. Antes dessa data, e significando actividade, só encontrámos uma notícia no jornal “A União”, com a data de 2 de Julho de 1921 que nos diz: «*De passagem para o Norte encontra-se em Lisboa o nosso querido e dedicado amigo, o sr dr. Domingos Pulido Garcia (... ..). Vai em serviço da benemérita Associação dos Médicos Católicos Portugueses (...)*»⁸. Esta informação diz-nos que o secretário perpétuo da Associação, estava activo.

● O V Congresso da Associação teve lugar novamente em Coimbra em 25 de Março de 1922, sob a presidência do Senhor Bispo-Conde de Coimbra, com a presença de vinte médicos e a representação de mais doze. Associaram-se ao Congresso com mensagens o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o Senhor Arcebispo Primaz, os Arcebispos de Évora e de Mitilene, e os Bispos de Leiria, Beja e Guarda.

Em carta lida pelo Dr. Pulido Garcia, D. Tomás de Mello Breyner fez um relato do Congresso Internacional em que participou, realizado em Londres, e da impressão que lhe causou ver na Catedral de Westminster mais de dois mil médicos católicos da Europa e Américas participarem nas cerimónias litúrgicas acompanhando as leituras e as orações em voz alta, com o terço na mão. Portugueses, só quatro participaram, sendo um deles o signatário e outro o Professor Álvaro de Matos. Ficou triste por esta ausência, sinal de uma cobardia moral que invadiu a sociedade portuguesa.

O tema de fundo foi apresentado pelo Dr. Leite de Faria, que falou sobre a figura e a obra de Laennec, o descobridor da auscultação clínica. No seu trabalho, que foi

⁷ Ver J. Veríssimo Serrão, opus cit., vol XI, pág. 265.

⁸ Ver nota (4).

muito aplaudido, o orador pôs em destaque, não só a competência profissional de Laennec, como a sua firmeza de crença que afirmava desassombradamente.

Seguiu-se no uso da palavra o Dr. José Dias Chorão com o tema «*Casamento e Saúde*», que foi igualmente muito apreciado por todos. Foi mesmo pedido ao Autor que o seu trabalho fosse publicado e divulgado.

Por fim foram eleitos os membros da nova direcção nacional, que ficou constituída pelos médicos Eduardo Burnay, Weiss de Oliveira, Elmano Alves, Fernando Pinto Coelho e Gabriel Ribeiro, que tomariam posse nesse mesmo dia perante o Senhor Bispo-Conde de Coimbra.

Antes do encerramento foi ainda aprovado um voto de apoio ao deputado Dr. Dinis da Fonseca pelo seu projecto de lei sobre as Misericórdias, voto que foi enviado ao Presidente da Câmara dos Deputados e ao autor.

● Estas foram as informações escritas que encontramos relativas a actividades da jovem Associação, a partir da data do seu nascimento, em 1915, na cidade do Porto, até 1922, em Coimbra. No livro de Actas as páginas manuscritas terminam na folha 26/verso, sem qualquer assinatura. Algumas referências a médicos em jornais católicos não permitem supor uma actividade associativa. A Associação dos Médicos Católicos Portugueses iria retomar a sua actividade pública conhecida dez anos depois com uma nova direcção e novos Estatutos. Estes seriam discutidos no ano seguinte, em 11 de Abril de 1933, e aprovados em Junho de 1934 pelo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Iria começar um novo período de actividade da Associação, então integrada na Acção Católica Portuguesa como Associação Auxiliar.

Lisboa, 27 de Junho, 2015

A revista «Acção Médica» foi fundada em 1936 pelo Dr. Paiva Boléo, meu tio. O 1º número saíu em Junho de 1936; tem-se mantido até hoje sem interrupção

